

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

TOUNDE JUDES ELEZAIRE OLOKE

**GÊNESE E EVOLUÇÃO DO TERRORISMO ISLAMISTA NA NIGÉRIA:
CASO DO GRUPO BOKO HARAM**

UBERLÂNDIA

2022

TOUNDE JUDES ELEZAIRE OLOKE

**GÊNESE E EVOLUÇÃO DO TERRORISMO ISLAMISTA NA NIGÉRIA:
CASO DO GRUPO BOKO HARAM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Augusto Veloso Leão

UBERLÂNDIA

2022

RESUMO

Criado no final dos anos 1990, o Boko Haram passou em dez anos de uma seita islamista a um movimento terrorista capaz de desafiar o Estado Federal da Nigéria (que possui o maior poder militar da África Ocidental) e realizar incursões em países vizinhos (Camarões, Chade e Níger). Os objetivos, métodos e metas do grupo variaram consideravelmente ao longo da sua evolução, o que torna mais complexas as tentativas de categorizar a violência que o grupo pratica. As pesquisas existentes sobre o Boko Haram o analisam em termos de sua radicalização no final dos anos 2000 e destacam a explosão de violência no norte da Nigéria como um resultado do terrorismo internacional e transnacional que afeta o Sahel e vários países da sub-região da África Ocidental. No entanto, a violência política, étnica, econômica e religiosa faz parte da história política da Nigéria e o Boko Haram está longe de ser um movimento gerado espontaneamente no país que abriga a maior população muçulmana do continente africano. Analisando como o grupo emerge no estado de Borno e se espalha por vários outros estados da Nigéria, esta pesquisa oferece uma leitura sócio-histórica e política do contexto estrutural no qual o Boko Haram emergiu no Norte da Nigéria. Dessa forma, o trabalho aborda o contexto histórico da ascensão e do desenvolvimento do islamismo na Nigéria, explicando ou abordando as causas econômicas, políticas, religiosas e sociais que permitiram o surgimento do grupo terrorista Boko Haram. Na segunda seção, o texto aborda os desenvolvimentos estratégicos, as ações e os impactos do grupo terrorista na Nigéria, e por fim, na última seção, a pesquisa identifica as medidas que foram tomadas para lutar contra a organização terrorista.

Palavras-chave: terrorismo, Boko haram, Nigéria, religião

ABSTRACT

Created in the late 1990s, Boko Haram went in ten years from an Islamist sect to a terrorist movement capable of challenging the Federal State of Nigeria (West Africa's first military power) and carrying out incursions into neighboring countries (Cameroon, Chad and Niger). The group's aims, methods and goals have varied considerably throughout its evolution, making more complex any attempt to categorize the violence it alleges. Existing research on Boko Haram analyzes it in terms of its radicalization towards the end of the 2000s and seeing the explosion of violence in northern Nigeria as a result of international and transnational terrorism affecting the Sahel and several countries in the sub-region of Western Africa. However, political, ethnic, economic and religious violence are all part of Nigeria's political history, and Boko Haram is far from a spontaneous generation in the country that is home to the largest Muslim population on the African continent. Analyzing how the group starts in Borno state and spreads to several other states in Nigeria, this research offers a socio-historical and political reading of the structural context from which Boko Haram emerged in Northern Nigeria. In this way, this article starts by addressing the historical context of the rise and development of Islamism in Nigeria, explaining or addressing the economic, political, religious and social causes that allowed the emergence of the terrorist group Boko Haram. In the second section, the text addresses the strategic developments, actions and impacts of the terrorist group in Nigeria, and finally, in the last section, it explains and identifies the measures that have been taken to fight the terrorist organization.

Keywords: terrorism, Boko haram, Nigeria, religion

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	TEORIAS DE BASE E A LÓGICA DO TERRORISMO	8
3	GEOLOCALIZAÇÃO DA SEITA ISLAMISTA BOKO HARAM NA NIGÉRIA	10
3.1	Compreendendo as origens do grupo	10
3.1	O nascimento da seita islamista Boko Haram	15
4	DESENVOLVIMENTOS ESTRATÉGICOS DE BOKO HARAM	19
4.1	A evolução ao longo do tempo da estratégia do Boko Haram	19
5	INICIATIVAS GOVERNAMENTAIS REGIONAIS E INTERNACIONAIS CONTRA BOKO HARAM	27
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	29
	REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

Fundador do grupo Boko Haram, Muhammad Yusuf iniciou suas pregações nas ruas de Maiduguri, capital do Estado de Borno, no nordeste da Nigéria. Para o líder do culto, os valores ocidentais, trazidos pelos colonos britânicos, eram os responsáveis pelos problemas do país e denunciava a corrupção, criticava a má gestão política e a desigualdade social no norte da Nigéria. Em 2009, por causa de uma rebelião do grupo, surgiram os primeiros confrontos entre o grupo de Yusuf, "Jamā'at Ahl as-Sunnah lid-Da'wah wa'l-Jihād", também conhecido como "Boko Haram", e a polícia de Maiduguri, resultando no assassinato de cerca de 700 membros do grupo pelas Forças Armadas nigerianas (BBC NEWS AFRIQUE, 2019).

Em 30 de julho de 2009, Yusuf foi preso e executado em frente à delegacia central da cidade de Maiduguri, sem ser julgado. É neste momento que o movimento Boko Haram explode e toma uma direção mais radical. Abubakar Shekau, um parente de Yusuf, é reconhecido como seu sucessor e lidera, nas semanas que se seguiram ao assassinato, confrontos em toda a região de Borno. A partir daquele momento, o grupo passa à clandestinidade e começa a atuar de forma violenta para atingir seus objetivos. Em 26 de agosto de 2011, um atentado suicida contra o escritório da Organização das Nações Unidas (ONU) em Abuja, capital da Nigéria, revelou a dimensão internacional assumida por uma organização cuja agenda política e religiosa era inicialmente muito local.

Essa pesquisa visa discutir os elementos que possibilitaram o desenvolvimento de um grupo como o Boko Haram na Nigéria. Compreender esse movimento é questionar as razões de seu surgimento na Nigéria, onde continuou a evoluir. Quais foram as bases socioeconômicas, políticas e materiais que sustentaram e permitiram a ascensão e o domínio do Boko Haram? Uma das nossas hipóteses é que o conflito entre Boko Haram e o governo da Nigéria pode ser considerado uma consequência da fragilidade do estado nigeriano devido à sua incapacidade de completar a sua autoridade sobre todo o território. Além disso, as políticas econômicas internas na Nigéria tendem a prejudicar muito os estados do norte, especialmente porque garantem uma renda maior aos estados produtores de petróleo do que aos que não o produzem. Junto com as condições políticas e econômicas, certas frustrações religiosas também podem estar na base da ascensão do grupo.

Em seus pronunciamentos, Yusuf defendia um retorno às práticas clássicas do salafismo¹. Excelente orador e participando de debates religiosos, Yusuf vai transmitir seus discursos em fitas, CDs, DVDs, que podem ser encontrados em mercados e trocados por telefones. Boko Haram significa na língua Hausa "a educação de inspiração ocidental é um sacrilégio" e seu nome completo, "Jamā'at Ahl as-Sunnah lid-Da'wah wa'l-Jihād", significa "Congregação Sunita para a Propagação dos Ensinamentos do Profeta e da Guerra Sagrada". O Boko Haram é inicialmente uma seita fundamentalista que prospera em um ambiente muçulmano da capital administrativa do Estado de Borno, Maiduguri.²

Um dos objetivos do Boko Haram é a substituição da legislação atual na Nigéria pela xaria. A xaria é o conjunto de preceitos que visa vincular a fé e a prática religiosa dos fiéis islâmicos. Inclui os ritos, orações, regras de vestuário ou alimentação, e também os princípios legais (ROHE, 2021). Além disso, o Boko Haram é qualificado alternadamente como uma seita ou movimento islâmico, mas também como um grupo terrorista islamista. O islamismo segundo o dicionário Larousse é um movimento que reúne as correntes mais radicais do Islã. Essas correntes querem fazer do Islã uma ideologia política que passa pela aplicação rigorosa da xaria (lei islâmica baseada nos preceitos do Corão) e pela criação de Estados islâmicos.

Dessa maneira, podemos compreender o terrorismo islamista ou terrorismo jihadista pela realização de ataques e outros atos de terrorismo que são cometidos por membros ou simpatizantes de movimentos com inspiração islâmica. O objetivo da visão do terrorismo islamista é a promoção de uma visão religiosa radical do mundo. As organizações que o usam o veem como um mandamento divino. Embora em sua definição religiosa o jihad não esteja especificamente ligado à política ou à violência, no final do século XX esteve intimamente associada à violência de natureza política praticada em seu nome, com o objetivo de "forçar"

¹ O termo salafismo vem da palavra árabe "salaf", que significa "ancestral", "predecessor piedoso", e se refere aos primeiros muçulmanos. O salafismo, portanto, defende um retorno às práticas ancestrais do Islã, correspondente ao que foi estabelecido à época do profeta Maomé e da qual os salafistas consideram que os muçulmanos se afastaram. Na verdade, os salafistas reivindicam práticas religiosas e sociais ultraconservadoras, sugerindo uma aplicação literal da xaria e criticando adaptações realizadas nos costumes sociais posteriores à escrita do Corão. O salafismo, de base sunita, tem uma visão bastante crítica das outras correntes do Islã, especialmente o xiismo e o sufismo, considerando esses grupos como afastados do caminho religioso correto, ou mesmo, como pecadores ou apóstatas. Essas posições não raramente resultam em conflitos e violência com as outras correntes do Islã e com movimentos reformadores religiosos e sociais, como o feminismo islâmico, ou o estabelecimento de sistemas políticos seculares ou multireligiosos (LE POINT, 2012).

² "Jihad" é uma palavra que permite diversos significados. Por um lado, é um elemento importante na vida do crente isento e significa "esforço". Trata-se de uma abreviatura cuja fórmula completa, empregada com frequência no Corão, quer dizer "o esforço no caminho de Alá". Por outro lado, alguns grupos terroristas islamistas, como o Boko Haram, usam a religião segundo seus interesses e transformam esse significado mais comum de jihad para justificar suas ações, que têm como resultado o assassinato e a violência. Alguns desses grupos também consideram que quem morre realizando um ato terrorista é um mártir e irá diretamente para o paraíso (BBC NEWS, 2014).

estados e populações a um retorno às leis de Deus e à sociedade profética do Islã original para purificar a ordem política em vigor.

A atualidade dos ataques de Boko Haram torna-se um objeto frequente de estudo. Tanto a violência quanto a importância deste grupo alertam a comunidade internacional e acadêmica. Por isso, muitos autores como Adam Higazi, Isabela Souza e Perouse de Montclos se concentraram no estudo do surgimento do Boko Haram, alimentando a literatura sobre o assunto. O Boko Haram, desde a sua aparição, passou, no espaço de alguns anos, da fase de seita islamista ao de um movimento terrorista capaz de desafiar o Estado federal nigeriano. O que justifica a escolha e o interesse sobre o caso do Boko Haram é que, até agora, a organização recebeu relativamente pouca pesquisa de cientistas brasileiros. Se o terrorismo não é "o problema" do mundo hoje, certamente está no centro das relações internacionais pelo fato de que a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou, sem votação, em 6 de setembro de 2006, a Estratégia Global Contra o Terrorismo. Verdadeira obsessão para a principal potência do planeta, os Estados Unidos da América (EUA) e para muitos outros estados, ele ocupa um importante lugar na atividade das Nações Unidas e de várias instituições internacionais.

Para a corrente pesquisa, o método de abordagem será o método descritivo, exploratório. Este trabalho utiliza o método de estudo de caso para analisar as origens do Boko Haram na Nigéria. O Estado da Nigéria é estudado com a intenção de descobrir por que o Boko Haram surgiu no país e o que contribuiu para seu reduto no Nordeste. Para isso, são analisados os seguintes fatores: a capacidade estatal da Nigéria, a politização da religião e o histórico de violência no país. Esses dados foram adquiridos e acumulados através da literatura acadêmica, do The Global Terrorism Index, de artigos de jornais e mídia, de relatórios de ONGs, bem como, de documentos governamentais nacionais e internacionais.

2. TEORIAS DE BASE E A LOGICA DO TERRORISMO

Segundo Diniz (2004), o terrorismo é utilizado como forma de se obter um fim político, empregando como meio de ação o terror. No entanto, não há intenção em se produzir imediatamente o fim político desejado, ou seja, não se pretende dissuadir nem compelir, mas sim induzir no alvo um comportamento que favoreça o grupo terrorista, alternando a relação de forças, sendo irrelevante a destruição material imediata causada. Dessa maneira, pode-se dizer que o terrorismo é o estratagema do fraco, pois é parte de uma estratégia que atua de maneira indireta para se atingir seu fim político, portanto não há nenhuma vinculação direta entre o emprego do terror e o fim político almejado pelo grupo atuante, pois este é fraco politicamente e não possui força suficiente pra alcançá-lo por si só (DINIZ, 2004). Por essas razões, este

estudo considera terrorismo como a ameaça ou uso real da força e violência contra civis, ou um Estado, com a finalidade de obter objetivos políticos.

O mundo está testemunhando, desde os anos 2000, um aumento de manifestações religiosas, promovendo uma adoção literal da literatura e dos preceitos sagrados. Em um mundo em turbulência, em uma profunda crise de identidade, o fundamentalismo garante e fornece referências consideradas seguras, imutáveis e verdadeiras. A globalização em que nos encontramos influencia mentalidades e revela fraquezas estruturais. Entre os fundamentalismos religiosos, aquele em relação ao Islã é, atualmente, o mais visível e a preocupação é sentida em todos os níveis. A nebulosa fundamentalista islâmica preocupa com sua capacidade de atrair muçulmanos e recrutar não-muçulmanos recém-convertidos. Há uma espécie de radicalização em direção a uma forma de terrorismo que afeta diferentes origens.

Nesse sentido, o autor nigeriano Adetoro Rasheed (2012, p. 21) no seu artigo sobre Boko Haram fala que esse fundamentalismo e a islamização total da Nigéria sob a lei xaria sempre foram os motivos por trás de várias rebeliões religiosas no norte da Nigéria. Relatou que a insurgência de Boko Haram só acreditava no versículo do Corão, que afirma que "Qualquer um que não seja governado pelo que Alá tem revelado está entre os transgressores" (Corão 6:49). Uma fala de um dos líderes do grupo que foi mencionado por Rasheed relata perfeitamente essa situação:

continuaremos a lutar até que o Islã estiver bem estabelecido e os muçulmanos recuperem sua liberdade em toda a Nigéria. Nunca estaríamos prontos para fazer concessões e não precisamos de anistia. A única solução para o que está acontecendo é que o governo se arrependa, abandone a democracia, abandone a constituição e adote as leis do Corão Sagrado (Declaração de Suleiman *apud* RASHEED, 2012, p. 22).

Para concluir esta seção, ressalta-se o conceito de radicalização para entender como se deu o surgimento do Boko Haram, Segundo Daniel Koehler, a radicalização é o processo de despluralização de valores e ideais políticos (por exemplo, justiça, honra, liberdade) em combinação com um aumento de uma urgência ideologicamente definida para agir contra um inimigo percebido, uma queixa, uma injustiça, etc. Em essência, se o fundamento ideológico dessa despluralização é baseado na desvalorização de outros humanos, esse processo, se continuado, levará inevitavelmente ao uso da violência como a única opção viável percebida para resolver essa tensão psicológica.

Para abordar o terrorismo, pesquisadores empiristas realizam estudos analisando as motivações no nível individual, assim como os perfis socioeconômicos de indivíduos que se envolvem em grupos extremistas. Outro campo de estudo tem a ver com uma abordagem psicológica e revela que a vulnerabilidade emocional, a insatisfação com uma atividade política,

a identificação de si mesmo como vítima, a crença de que o uso da violência não é imoral e o senso de recompensa e laços sociais no grupo radical, entre outros, são fatores importantes para entender como essas dinâmicas levam ao uso da violência (KOEHLER, 2020, p. 14). Nesta pesquisa, iremos abordar dois pontos de partida: o primeiro, no nível macro, irá analisar como as instituições e o governo influenciaram os indivíduos a se mobilizarem em torno do grupo islamista. Nesse caso, esta pesquisa se relaciona com os estudos que focam em como as ideias e a construção da realidade, assim como as instituições, criam as condições propícias para a radicalização. O segundo ponto, no nível micro, irá questionar e entender quais são as motivações desses indivíduos para se radicalizarem.

3. Geolocalização da seita islamista Boko Haram na Nigéria

3.1. Compreendendo as origens do grupo

Além de ser o país de origem do Boko Haram, a Nigéria desempenha um papel incrivelmente importante no continente africano, bem como no cenário mundial. Para melhor entender o Boko Haram, primeiro é necessário entender a Nigéria como um Estado.

Com uma população de mais de 186 milhões de pessoas (UN DATA, 2017), a Nigéria não é apenas o país mais populoso da África, mas também o sétimo país mais populoso do mundo. Este “gigante da África”, segundo o Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, é o país que mais cresce e está projetado para crescer a uma taxa de 7,9% para 411 milhões de habitantes até 2050 (UN DATA, 2017).

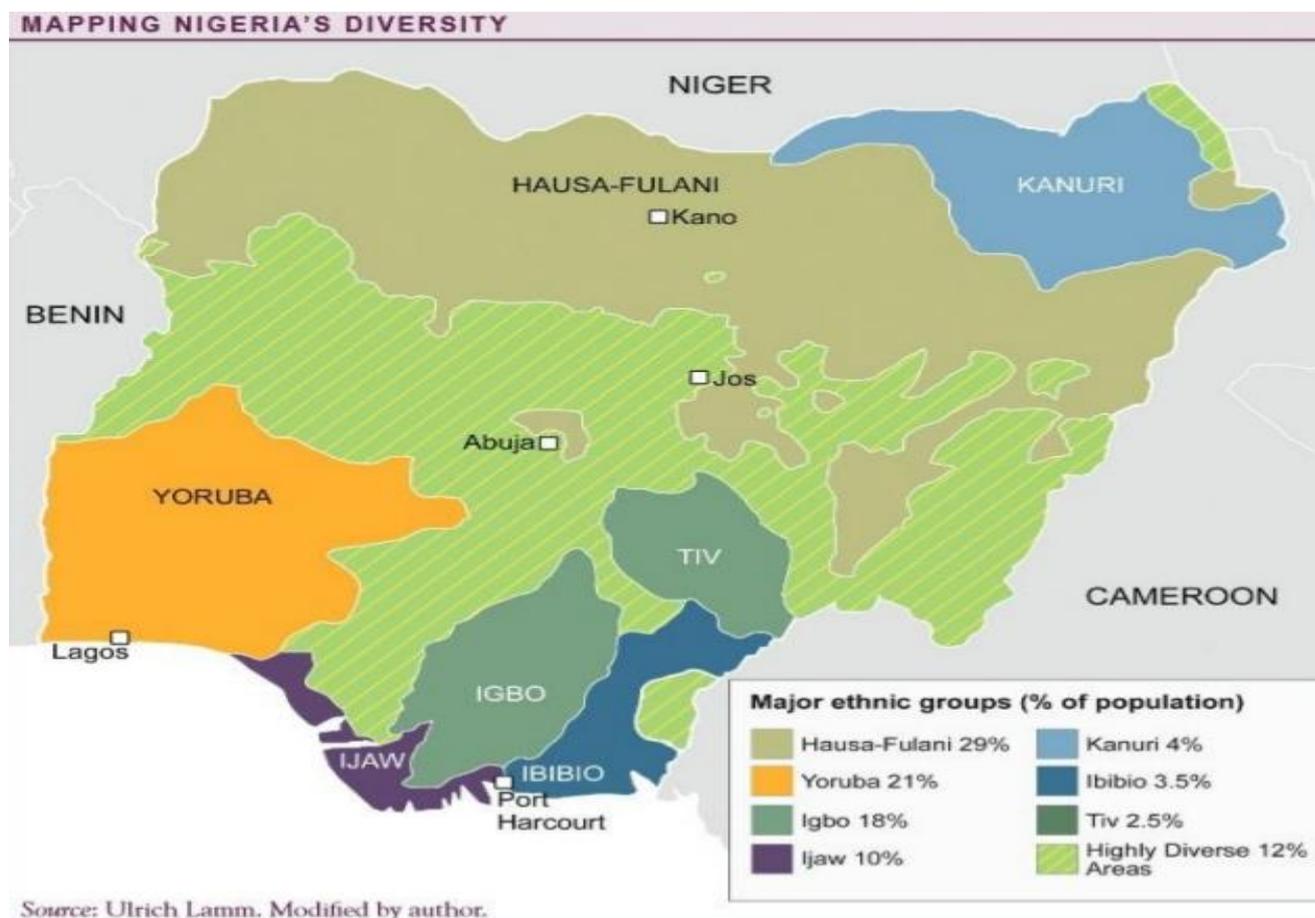
Politicamente, a Nigéria é um dos membros fundadores da União Africana e contribui com grande número de tropas para as Nações Unidas, tornando-o um líder regional (CAMPBELL, 2014). Conseqüentemente, o país tem a maior economia da África, tornando-o um membro vital da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental, ECOWAS. O sucesso econômico se deve em grande parte à posição do país como um gigante internacional do petróleo, que constitui praticamente toda a receita do governo, pois é o seu principal produto de exportação (CAMPBELL, 2014).

3.1.1. A profundidade histórica da religião na Nigéria

A Nigéria, Estado da África Ocidental, está aberta ao sul no Oceano Atlântico (Golfo da Guiné), limitada a oeste pelo Benin, a norte pelo Níger e Chade, a Leste por Camarões. Membro da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), da Comunidade Britânica de Nações (British Commonwealth of Nations) e país mais populoso da África, a Nigéria é um estado federal composto 36 estados e por várias etnias. É composto por três grandes grupos cujas diferenças culturais e religiosas dão origem a antagonismos: os haussa e

os fulani no Norte, quase exclusivamente muçulmanos, os yorubás no Sudoeste, cristãos ou muçulmanos, e os Ibos no Sudeste, especialmente cristãos e animistas.

Figura 1 – Grupos étnicos da Nigéria



Fonte: Africa Center for Strategic Studies

O país é vítima dos ataques do terrorismo islamista do grupo Boko Haram, que evoluiu bastante e que desestabiliza não só o país, mas também os países circundantes. Essa evolução pode ser observada estrategicamente ao longo do tempo por meio de uma mudança profunda na retórica e na ação que a coloca em sintonia com os movimentos islamistas mais violentos, como o grupo terrorista Estado Islâmico. As origens do Boko Haram podem ser analisadas através de um conjunto de dimensões que podemos qualificar como trajetórias e que são enxertadas a uma multiplicidade de causas gatilho para o nascimento de "Jama'atu Ahlis-Sunnah Lidda'awati Wal-Jihad", ou "Grupo Sunita pela pregação e jihad".

Compreender o surgimento e a evolução da seita islamista Boko Haram é compreender a profundidade histórica da violência na Nigéria, particularmente no Norte do país, que muitas

vezes se adorna com uma racionalidade religiosa na medida em que a religião muitas vezes permaneceu na vanguarda das tensões, até mesmo da violência, desde a independência do país, em 1 de outubro de 1960.

O Islã está presente ao sul do Saara desde o século 11, mas permaneceu por muito tempo associado a grupos minoritários, principalmente comerciantes. No entanto, espalhou-se mais profundamente entre as populações da África Ocidental a partir do século 18 e especialmente do século 19 após uma série de movimentos político-religiosos que levaram à criação de Estados muçulmanos (LEVTZION, 2000). Além disso, o Islã se espalhou graças às convulsões da era colonial, aparecendo aos olhos de muitos como uma crença universal capaz de resistir no nível das ideias ao colonialismo. Ao contrário do cristianismo, os adeptos do Boko Haram inflamaram as populações do Nordeste da Nigéria com sermões líricos centrados na condenação e na liquidação dos símbolos da civilização ocidental (LEVITZON, 2000).

Na Nigéria, especificamente, o Islã começou a chegar ao norte do Sahel no início do século XIV, quando estudiosos muçulmanos chegaram a Kano para ensinar os preceitos do Corão e esclarecer com seus bons conselhos os soberanos autocráticos. No início do século XIX, a guerra santa (Jihad) do líder Fulani Usman Dan Fodio vem então varrer as estruturas tradicionais de poder, ainda do animismo (religiões tradicionais africanas), e lançou as bases de um Estado moderno, o Califado de Sokoto (PÉROUSE DE MONTCLOS, 2012, p. 153-164).

A colonização britânica e o período pós-independência nesta parte do continente africano puseram um fim temporário ao domínio e influência danfodianos (um exemplo do sistema político danfodiano era a pena de morte). Mas é em seus herdeiros que o colonizador britânico encontrará os aliados mais seguros para fazer manter seu domínio. Sob o pretexto de respeitar os hábitos e costumes da região, o governo do Reino Unido endossa a lei islâmica e reforça o poder feudal do sultão que, na ausência de funcionários públicos expatriados, transmite sua autoridade a um custo menor. Esse modo de administração indireta, bastante excepcional no mundo colonial, deixa importantes funções judiciais para os juizes muçulmanos e emires. A estes é confiada a guarda das prisões "indígenas", enquanto, no Sul, os presos de direito comum são encarcerados em estabelecimentos que estão sob o controle da polícia. A divisão Norte e Sul é visível em termos de religião, uma vez que os cristãos e os muçulmanos compartilham o território nigeriano quase igualmente. O norte muçulmano, herdeiro do califado de Sokoto, opõe-se ao sul cristianizado, com um enclave animista no sudoeste do país. É importante notar que uma polêmica vai abalar a Nigéria durante décadas sobre a aplicação da xaria (LAST, 2000, p. 141-152).

Como toda a África subsaariana, a Nigéria está vendo o desenvolvimento de uma elite intelectual reformista que se vê como uma vanguarda cuja missão é reestruturar o norte da

Nigéria em uma sociedade islâmica. No entanto, antes da erupção do Boko Haram, deve-se lembrar que um conjunto de movimentos reformistas vão defender um retorno a um Islã purificado desenvolvido por profetas ou autoproclamados que, segundo o autor Marc-Antoine Pérouse de Montclos, no seu livro intitulado "Boko Haram e o terrorismo islamista" (2014), nunca se esconderam. A título de ilustração, ele destaca essas tendências reformadoras, incluindo os movimentos mahdistas e messiânicos, que acreditam na vinda de um profeta em 1980. Ele também cita outros movimentos como “pelo despertar do Islã”, de Abubakar Mujahid, a “comunidade de tradicionalistas” (Ahl as-Sunnah wal-Jama'a) e de uma facção salafista de “erradicadores” (Izala), da qual Mohammed Yusuf era membro no início dos anos 2000, antes de ser excluído devido a uma discrepância teórica (PÉROUSE DE MONTCLOS, 2012, p. 1-33).

Boko Haram pode, portanto, ser considerado, de acordo com Pauline Guibbaud, "como a continuidade desses movimentos islamistas, principalmente sob a liderança de Mohammed Yusuf, que tomou a bandeira do Islã para expressar suas reivindicações e ainda mais tarde usando a violência para fazer aplicar sua própria visão holística e fundamentalista de um governo islâmico. Essa violência faz parte da longa história que pontua e molda a República Federal da Nigéria (GUIBBAUD, 2014, p. 52).

3.1.2. A profundidade histórica da violência na Nigéria

Na Nigéria, os fatores de instabilidade não faltam. A guerra civil de 1967-1970, conhecida como guerra do Biafra, foi a primeira grande crise vivida pelo país, então independente desde 1960. Quando o conflito terminou, a paz não estava lá. As tensões religiosas, étnicas, comunitárias e sociais cresceram no final da década de 1970. O Boko Haram não foi, portanto, a primeira seita de inspiração islamista combatida pelo governo federal. Assim, como mencionou Pérouse de Montclos (2012), em 1978, o movimento sunita Yan Izala, os "erradicadores de Izala", ganhou influência em muitas mesquitas do Norte. Em dezembro de 1980, em Kano, durante onze dias, as forças de segurança enfrentaram os Yan Tatsine (da corrente mahdista) inflamados pela pregação de Muhammad Marwa (também conhecido como Maitatsine, o "Mestre da Condenação" em Hausa). De origem camaronesa, Marwa rejeita tudo o que vem do Ocidente. Depois de tentar tomar a mesquita de Kano, a luta se intensificou com a polícia. O exército teve que intervir com urgência, com tanques, veículos blindados e artilharia, fazendo um uso desproporcional da força. Pelo menos 6 mil pessoas foram mortas de 19 a 29 de dezembro de 1980 nesta insurreição quase esquecida hoje (PÉROUSE DE MONTCLOS, 2012, p. 1-33)

Ao mesmo tempo, os serviços de inteligência de Abuja monitoraram de perto Ibrahim al-Zakzaky, chefe da Sociedade de Estudantes Muçulmanos, organização que recusava a Constituição nigeriana. Khomeinista (apoiador do ex-líder supremo do Irã, Ruhollah

Khomeini), ele apoiava a revolução islâmica iraniana e rejeitava a existência de Israel. Além disso, ele militava a favor do estabelecimento da xaria em todo o país. Da década de 1980 até hoje, ele não esconde sua admiração pelo Hezbollah (grupo xiita nascido durante a guerra civil libanesa em 1982) (PEROUSE DE MONTCLOS, 2012).

Quanto aos Yan Tatsines, eles sobreviveram ao desaparecimento de Muhammad Marwa, que morreu na sequência dos acontecimentos de 1980. O "espírito" de Maitatsine está profundamente enraizado no norte da Nigéria, particularmente no setor Kaduna, com a seita Kala Kato (Movimento do Corão cujos adeptos residem principalmente no norte da Nigéria, com alguns adeptos que residem no Níger. Kala Kato significa "um homem diz" na língua hausa). Em agosto de 1981, fanáticos mahdistas causaram violência em Maiduguri e continuaram com atos de violência ao longo da década de 1980, particularmente em abril de 1985, com várias centenas de mortes em Gombe. Embora menos comentados na década de 1990, eles voltaram no final da década, em setembro de 1999, em Kaduna. Eles então atacam, não os cristãos, mas aqueles que eles acusam de serem "maus muçulmanos" (PEROUSE DE MONTCLOS, 2012).

Em 1998, tumultos eclodiram em Lagos: muçulmanos queimaram igrejas em Ilorin, no estado de Kwara. Em outubro de 1999, o estabelecimento da xaria no Estado de Zamfara provocou tumultos religiosos. O fenômeno se espalhou rapidamente no norte do país; o Estado de Cross Rivers se declarou um Estado cristão por reação. A esses antagonismos religiosos somam-se os antagonismos étnicos: entre os Ifes e os Modakekes (povo da cidade de Modakeke, no norte da Nigéria), no Estado de Osun, entre os Haussa e os Yorubás no Estado de Shagamu e Kano. Assim, em 10 de julho de 1999, os membros de uma irmandade estudantil, a Confraria Black Axe, atacaram os ocupantes dos dormitórios da Universidade Obafemi Awolowo. Vestidos de preto, massacraram oito pessoas e feriram onze com machados e fuzis de caça (SODIQ, 1994, p. 279-306).

Paralelamente, a eleição de Olusegun Obasanjo, em 1999, e o retorno à democracia, que dura desde então, teve um efeito deplorável no atrito entre entidades rivais na Nigéria. Durante os regimes militares, era como se as entidades rivais tivessem sido mantidas sob a tampa de uma panela de pressão aquecida com um maçarico. Quando a influência político-social dos militares se esvai, a violência é liberada com as racionalidades e reivindicações de todos. Como o poder agora pertence a quem ganha as eleições ou quem influencia seu resultado, a força parece ser um meio como qualquer outro de influenciar o resultado dessas eleições. Os políticos não hesitam em usá-lo, organizando suas próprias milícias (SODIQ, 1994).

Com o precedente do estado de Zamfara, em 2000, onze outros estados da Nigéria (Bauchi, Borno, Gombe, Gigawa, Kaduna, Kano, Katsina, Kebbi, Niger, Sokoto, Yobe)

adotaram a xaria. Para facilitar seu estabelecimento, eles criaram milícias de autodefesa, as hisbah³. Eles patrulham para garantir a ordem pública, garantem a aplicação adequada da lei islâmica e, aliás, atacam os cristãos (KOUNGOU, 2014). A reação do governo foi muito tímida, solicitando a dissolução da hisbah de Kano, sem nenhum resultado. Segundo o autor Leon Kougou (2014), os cristãos se recusaram a se sujeitar a ela. Além disso, eles se consideram ameaçados e, conseqüentemente, reagem violentamente. Nasce um círculo infernal em que rapidamente se torna impossível determinar quem é o agressor e quem é atacado. O ciclo de "agressão e vingança" está firmemente ancorado nas cidades e aldeias, com pretextos que não faltam. O número de sequestros, principalmente de mulheres, a partir de 2001, começou a aumentar em proporções alarmantes (KOUNGOU, 2014).

3.2. O nascimento da seita islamista Boko Haram

Compreender a seita islamista Boko Haram significa analisar a multiplicidade de causas da origem de seu nascimento. As causas relacionadas com o fracasso da governança do Estado nigeriano, ou seja, as causas políticas são frequentemente apresentadas e são seguidas de uma segunda série de causas que diz respeito a aspectos econômicos ou sociais.

Figura 2 - Logotipo da organização terrorista nigeriana Boko Haram



Fonte: *Strange Military Stories*, 2014.

3.2.1. As causas políticas ou má governança

³ O termo árabe hisbah significa um ato que é realizado para o bem comum, ou com a intenção de buscar uma recompensa de Deus. O conceito de hisbah no Islã se origina de um conjunto de versos do Corão e Hadith. É uma obrigação imposta a todo muçulmano pedir o que é bom ou certo e prevenir ou denunciar o que é ruim ou errado (BARRUCAND, 2015). O conceito de hisbah é atualmente utilizado como justificativa para a criação de polícias religiosas, que fiscalizam a atuação de indivíduos e tem poder de aplicar determinadas sanções.

O conflito do Boko Haram pode ser entendido como consequência da fragilidade do Estado nigeriano, devido à sua incapacidade de estender sua autoridade sobre todo o território. Esta situação é explicada por uma corrosão da legitimidade e está enraizado nas dificuldades da construção nacional em que o aparato estatal foi muitas vezes privilegiado em detrimento da construção da nação. É neste tipo de Estado que surge muitas vezes grande parte dos conflitos, instabilidade, identidade e rebeliões centrífugas e grandes catástrofes humanitárias. Exemplos são impressionantes: a Líbia presa entre a guerra civil e as lutas pela influência regional, a República Democrática do Congo e a República Centro-Africana, que vivem uma instabilidade crônica por causa dos bandos armados, Mali atolou em um conflito interminável com os grupos terroristas e Camarões, divididos entre o Boko Haram, no Extremo Norte, e a insurreição secessionista Ambazonian, nas regiões noroeste e sudoeste do país.

A geopolítica interna dos Estados do continente muitas vezes reflete uma oposição entre um "centro" hegemônico e "periferias" relativamente marginalizadas, que exigem uma redistribuição de poder e dos recursos do país. Essa deficiência na gestão política e socioeconômica do território é fonte de instabilidade e fator de fragmentação do espaço nacional. Isso resulta em muitos casos em uma quebra no monopólio da violência legítima, levando a uma multiplicação de atores que competem com o Estado: grupos armados, milícias, redes criminosas regionais ou internacionais. Nesse sentido, a má gestão da crise entre as autoridades e Mohammed Yusuf e a contestação da legitimidade das elites dominantes têm sido forças motrizes da insurgência do Boko Haram.

Inicialmente, a pregação do Boko Haram em favor de uma aplicação estrita da xaria tornou-se popular porque expôs as injustiças, a devassidão dos ricos, a corrupção ou mesmo os abusos da polícia e do exército para desenvolver o sentimento de injustiça e alimentar os apelos ao ódio e à violência, elementos importantes do discurso do grupo.

Mohammed Yusuf destaca os delitos do "Estado laico" através do comportamento das elites cleptomaníacas nigerianas, que são acusados de corrupção generalizada, ineficiência na entrega de serviços esperados pelas populações e manipulações para acessar o poder ou para continuar o ocupando. Curiosamente, essas elites geralmente incluem, do ponto de vista de Boko Haram, líderes religiosos, incluindo muçulmanos, acusados de conluio com os detentores do poder do país. Se a volta dos civis ao poder em 1999 suscitou esperanças, esse fato não demorou muito para decepcionar. As redes de clientelismo continuaram a existir como nos dias dos regimes militares em detrimento de uma população que permanece na pobreza. Ao reivindicar mais justiça social através de uma aplicação mais estrita da xaria, Yusuf organizou em torno dele simpatizantes que se sentiam excluídos na partilha de riqueza e do poder nacionais.

A execução extrajudicial deste último, em julho de 2009, e a brutalidade da repressão da ação militar que se seguiu piorou a situação, legitimando o jihad e empurrando os jovens do país a juntar-se às fileiras do Boko Haram. Deve-se notar que a estratégia ou as táticas que as forças de segurança usaram para caçar membros do Boko Haram só agravaram a situação, especialmente porque as ações das forças de segurança afetaram muitos civis e isso acentuou o sentimento de injustiça. Prisões arbitrárias e em massa (acontecimentos regularmente mencionados por Yusuf em seus sermões), torturas ou execuções sumárias podem ter alimentado a simpatia pela luta contra as instituições estatais, especialmente porque os autores desses abusos não são julgados.

Em maio de 2010, o presidente Umaru Yar'Adua (um muçulmano do norte) morreu e foi sucedido pelo vice-presidente Goodluck Jonathan (um cristão do Sul). No ano seguinte, foram realizadas eleições presidenciais. Existia um sistema chamado *under zoning*, um “acordo político entre a elite do país para alternar a presidência entre candidatos do sul cristão e do norte muçulmano. Esse sistema começou em 1999, logo após o retorno da Nigéria à democracia, e mitigou com sucesso algumas das tensões sectárias, religiosas e étnicas dentro do Estado (especialmente entre o Norte e o Sul) (AWOPEJU; ADELUSI; OLUWASHAKIN, 2012, p. 14). Assim, o presidente Goodluck Jonathan deveria ter se afastado do poder para que outro norte muçulmano fosse presidente. Em uma decisão impressionante, ele decidiu concorrer e venceu, embora haja dúvidas significativas sobre a integridade desta eleição. Isso foi percebido pelo Norte como uma continuação do processo de marginalização e levantou o espectro de que esta se tornara irreversível (CAMPBELL, 2014).

O Boko Haram aproveitou essas novas e profundas clivagens e atraiu adeptos para sua causa de desafiar a legitimidade da presidência de Goodluck Jonathan. Segundo Campbell (2014), eles fizeram isso porque pessoas “que não apoiavam Jonathan estavam bem-dispostas a aquiescer ou mesmo apoiar uma insurgência contra o governo federal. Todos esses eventos e fatores discutidos acima permitiram ao Boko Haram construir uma filosofia que utilizou e se baseou no medo, raiva e preocupação nigerianos. As pessoas sentiram que o Boko Haram representava seus interesses quando o governo não o fazia.

O autor Daniel Agbibo, no seu livro "The ongoing campaign of terror in Nigeria: Boko Haram versus the State" (2013), mencionou um discurso do grupo terrorista que explica o porquê da sua criação e dos diferentes ataques.

Queremos reiterar que somos guerreiros que estão realizando a Jihad na Nigéria e nossa luta é baseada nas tradições do santo profeta. Jamais aceitaremos qualquer sistema de governo além do estipulado pelo Islã, porque essa é a única maneira pela qual os muçulmanos podem ser libertados. Não acreditamos em nenhum sistema de governo,

seja ele tradicional ou ortodoxo, exceto o sistema islâmico e é por isso que continuaremos lutando contra a democracia, o capitalismo, o socialismo e o que for. Não permitiremos que a Constituição nigeriana substitua as leis que foram consagradas no Corão Sagrado, não permitiremos que a educação convencional adulterada [Boko] substitua os ensinamentos islâmicos. Não respeitaremos o governo nigeriano porque é ilegal. Continuaremos a lutar contra os militares e a polícia porque eles não estão protegendo o Islã. Não acreditamos no sistema judicial nigeriano e lutaremos contra qualquer um que ajude o governo a cometer ilegalidades (Declaração do Boko Haram *apud* AGBIBOA, 2013, p. 4)

3.2.2. As causas relacionadas aos aspectos econômicos e sociais

Com mais de 170 milhões de habitantes, a Nigéria é o país mais populoso da África Subsaariana. Maior produtor de petróleo da África, seu subsolo é rico em petróleo e gás, que são a principal fonte de renda do país. Obviamente, é a redistribuição dessa riqueza potencial que coloca um problema e que marca a ruptura geopolítica entre o Norte muçulmano e o Sul cristão. A região sul é de fato muito mais integrada na globalização e no comércio mundial do que a região norte (DE GENDT, 2012). Além disso, as políticas econômicas internas na Nigéria tendem a prejudicar muito os estados do norte, especialmente porque garantem uma renda maior aos estados produtores de petróleo do que aos que não o produzem. Assim, a partilha de recursos, e em particular do maná do petróleo entre os 36 estados que constituem a Nigéria continua a ser uma questão política vital e cristaliza tensões sobre a sua má gestão (DE GENDT, 2012).

Segundo Rayanesalgo (2015), diferentes fórmulas para gerenciar as receitas do petróleo (patrimônio, demografia, tamanho geografia, etc.) foram adotados por sucessivos governos nigerianos sem encontrar a unanimidade de apoio dos vários Estados da federação. Geralmente focado em busca de equidade, essas fórmulas muitas vezes têm sido uma das causas das reivindicações armadas, particularmente nas regiões produtoras de petróleo que sentem que estão sendo despojadas de seus recursos em benefício do governo federal. Os recursos petrolíferos têm, em certa medida, provocado movimentos secessionistas, inclusive na região do Delta. Economicamente prejudicados, apesar da riqueza de seu subsolo, essas populações também consideram ser politicamente marginalizadas, já que a arena política foi monopolizada principalmente pelas três maiores comunidades étnicas do país, os Hausa-Fulanis, Yoruba e Ibos. Para atingir seus objetivos, um Movimento de Emancipação do Delta do Níger (MEND) ataca principalmente as empresas petrolíferas, realizando vários tipos de ações violentas, como a sabotagem de instalações petrolíferas, ataques a navios e sequestros de funcionários estrangeiros para pagamento de resgates (LUNTUMBUE, 2011).

Além disso, a renda do petróleo também desenvolveu uma complexa rede de economia de corrupção, apesar das condenações unanimemente compartilhadas pela população sobre a corrupção da classe política. O retorno da democracia não mudou esse caráter do Estado

nigeriano, no qual se estima que 60% da população ainda viva com menos de um dólar por dia (RAYANESALGO, 2015). As consequências dos lucros inesperados do petróleo não melhoraram as condições de vida das populações, pior ainda para as regiões do norte do país que são severamente afetadas pela pobreza. A região Nordeste (Yobé, Borno, Adamawa) onde Boko Haram surgiu é caracterizada pela pobreza crônica. Ela registra o menor indicador de desenvolvimento humano (0,332) em comparação com as regiões do sul, onde esses indicadores são da ordem de 0,471 (Sudeste) e 0,523 (Sudoeste) (RAYANESALGO, 2015).

Ainda de acordo com os números de Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (UNDP, 2020), as regiões do norte (Nordeste e Noroeste) são aquelas que, durante um período de oito anos de 1996-2004, abrigaram o maior número de pessoas carentes (mais de 30% em 1996 e mais de 20% em 2004), percentagens muito elevadas em relação aos registrados no Sudeste, por exemplo, onde foram cerca de 18,2% em 1996 e 7,8% em 2004. Apenas 2% das crianças menores de 15 meses estão vacinadas. O acesso à educação também é muito limitado: 83% dos jovens são analfabetos; 48,5% das crianças em idade escolar não são alfabetizadas e 34,8% dos muçulmanos de 4 a 16 anos nunca frequentaram a escola. Pobreza, desigualdades de renda entre os ricos e a maioria da população desta região, bem como falhas em termos de integração socioeconômica e, portanto, a construção de um status e uma autoimagem afetam particularmente as gerações mais jovens que constituem a principal fonte de recrutamento do Boko Haram.

Assim, concluindo-se a análise desta seção, desde a colonização pelo Reino Unido, a Nigéria tem sido sistematicamente desfavorecida e prejudicada pelos britânicos, que a forçaram a se tornar um Estado não unificado. Os efeitos de longo prazo do colonialismo sobre a capacidade do Estado nigeriano incluíram um aumento nos conflitos étnicos e religiosos, a institucionalização da rivalidade étnica e discrepâncias em massa entre o Norte e o Sul. Ao governar a partir de uma estratégia de dividir para conquistar, os britânicos efetivamente opuseram os diferentes grupos étnicos uns contra os outros, o que promoveu uma segregação etnoreligiosa e um antagonismo entre vários grupos comunitários. Como resultado, os grupos étnicos devem lutar contra a marginalização pelo governo e isso fez com que os cidadãos tivessem uma disposição receptiva para o uso da força ou da violência como meio de garantir os seus interesses.

4. Desenvolvimentos estratégicos de Boko Haram

4.1. A evolução ao longo do tempo da estratégia do Boko Haram

As evoluções estratégicas do Boko Haram podem ser observadas em dois períodos: um primeiro período de ancoragem e consolidação da teoria do movimento, que se deu ao longo do

tempo e um segundo período que leva em conta a radicalização do movimento até seu enraizamento na violência. Essa evolução ao longo do tempo, da estratégia do Boko Haram questiona o discurso político-religioso que molda a ideologia do movimento e a aventura guerreira preconizada em nome do Islã.

4.1.1. A promoção de um discurso político-religioso

Mohammed Yusuf é o principal idealizador e promotor do discurso político-religioso que moldou a ideologia do movimento Boko Haram.

Para entender como esta seita islamista se tornou um grupo terrorista poderoso o suficiente para ameaçar a estabilidade do Estado Federal da Nigéria e dos países vizinhos, para entender como esse movimento conseguiu recrutar massivamente ou como conseguiu se beneficiar por um tempo da adesão da população, é fundamental ouvir Yusuf, prestar atenção tanto no que ele diz quanto na maneira como ele diz. Seus discursos, proferidos em Hausa ou Kanuri (com algumas inserções em inglês), exigem um trabalho preliminar de tradução meticulosa, mas também de descriptografia devido a um estilo vernacular, usando expressões que, para serem compreendidos e transpostos, exigem um bom conhecimento do contexto cultural e social em que esses discursos são produzidos (APARD, 2015, p. 44)

Yusuf fundou, em Maiduguri, o Markaz Ibn Taymiyya, centro espiritual e de pesquisa, nomeado em homenagem ao famoso teólogo salafista do século XIII, Taqī ibn Taymiyya, uma mesquita que gradualmente se transformou para atrair centenas de fiéis que vêm acompanhar seus sermões. Os sermões de Yusuf criticavam o sistema político, a hipocrisia da classe dominante, a corrupção, a impunidade, as desigualdades ou os abusos da polícia e do exército, e isso ajudou a desenvolver um sentimento de injustiça e suscitar um apelo ao ódio e à revolta contra o governo e uma percepção que as elites nigerianas corruptas enganam o povo para chegar ao poder. Em seguida, Yusuf insere em seu discurso referências internacionais com casos evocativos e em relação com o sentimento de injustiça vividos pelos muçulmanos nigerianos que ele combina com as humilhações sofridas por outros muçulmanos no mundo para despertar o espírito de vingança contra aqueles que ele chama de incrédulos. Ele evoca, assim, os massacres perpetrados contra a comunidade muçulmana de Onitsha, capital do estado de Anambra, no sul do país, onde, em fevereiro de 2006, mais de 80 muçulmanos foram mortos em retaliação pelos assassinatos de cristãos no Norte (APARD, 2015).

Por causa de sua postura doutrinária, Mohammed Yusuf passa aos olhos de seus seguidores como um Mallam (um título e forma de se referir a um homem instruído ou educado), um guia espiritual, e seus sermões aparecem como último recurso, um refúgio e um tipo de tendência para se referir a qualquer ação. Os principais inimigos identificados nesses discursos são, portanto, tanto inimigos externos (ocidentais, judeus) quanto inimigos locais

contra os quais atos violentos podem ser perpetrados (APARD, 2015). Sua popularidade cresceu muito e tornou-se preocupante para as autoridades pois, de um simples pregador, ele conseguiu se tornar uma figura política essencial em Borno. A transmissão do seu discurso político-religioso encontrará uma ancoragem territorial bastante forte e se estenderá muito além da Nigéria. A sua morte em 2009 só vai legitimar a prova das injustiças que continuou a denunciar, oferecendo aos seus fiéis não só a prova da barbárie dos representantes do Estado, mas uma boa razão para se mobilizar em nome do Islã (PEROUSE DE MONTCLOS, 2015, p. 342).

Após os acontecimentos de julho de 2009, o grupo virou clandestino e só voltou a emergir em 2010, quando Abubakar Shekau, também pregador e designado por Yusuf como seu braço direito, apareceu em uma mensagem de vídeo. Ele anunciou então que assume a liderança do movimento, que ele batizou oficialmente Jama'atu Ahlis Sunnah Lidda'awati wal-Jihad (Grupo sunita pela pregação e jihad) (APARD, 2015, p. 56). Em um primeiro momento, ele se esforçou para retomar a retórica religiosa de Yusuf com referências muito claras a suas ideias e referências corânicas. A difusão da ideologia do grupo então foi assegurada de forma a atrair o maior número de possíveis apoiadores. Shekau, de forma similar a Yusuf, relembra em suas mensagens os abusos cometidos contra os muçulmanos da Nigéria para reavivar o sentimento de injustiça e provocar o desejo de vingança (APARD, 2015, p. 60).

Posteriormente, a dimensão ideológica dos discursos de Yusuf desaparece e dá lugar a declarações bélicas e diretas de Shekau. Seu objetivo é destruir ou reformar o Estado da Nigéria e impor um Islã fundamentalista e rigoroso, mas, sobretudo, restaurar um califado. Isso é, de fato, aos olhos dos islamistas, uma verdadeira idade de ouro do Islã, que contrasta com a fraqueza do mundo muçulmano na época de Yusuf, em 2002. O Islã ameaçado em sua sobrevivência e em seu próprio solo não teria escolha senão defender-se com a mais extrema violência (L'HEUILLET, 2009). Essa evolução do discurso e do pensamento religioso de Shekau é uma marca da transformação do movimento, que agora será marcado pela violência armada.

4.1.2. A evolução operacional de Boko Haram

A seita islamista Boko Haram tornou-se conhecida em todo o mundo através de abusos e violência caracterizados por conquistas territoriais sangrentas e sem oposição, destinados a restaurar ou estabelecer uma entidade estatal ou entidades governadas pelo Islã. Desde 2009, o grupo se envolveu em assassinatos e ataques direcionados e mobilizou estratégias de ataque para a implementação de uma campanha de terror. O uso de uma ou outra de suas estratégias depende do contexto, alvo e objetivo. Em setembro de 2010, o Boko Haram criou uma surpresa

espetacular ao invadir a prisão de Bauchi, onde seus membros conseguiram libertar prisioneiros. O Natal de 2010 foi uma oportunidade para intensificar a luta contra cristãos: ataques, incêndios e assassinatos seletivos causaram várias dezenas de mortes (LE MONDE, 2011). A partir de abril de 2011, o grupo multiplica os ataques a bomba contra igrejas cristãs, estações ferroviárias, hotéis e edifícios oficiais.

Em 21 de junho de 2011, uma dezena de homens armados atacou a cidade de Kankara, estado de Katsina, incendiou uma delegacia de polícia, libertou os detidos e saquearam um banco, matando 7 pessoas, incluindo 5 policiais (JEUNE AFRIQUE, 2011). Assaltos e assassinatos direcionados são os modos de ataque mais utilizados pelo grupo. Eles são adotados quando o alvo é um indivíduo (ou um grupo de indivíduos) designado como um inimigo. Essas execuções geralmente ocorrem no contexto de uma perseguição de motocicleta (ou de carro), seguido de tiros à queima-roupa no crânio, tórax ou abdome do alvo. Assim, civis, políticos, líderes religiosos e membros das forças de segurança foram dessa forma executados.

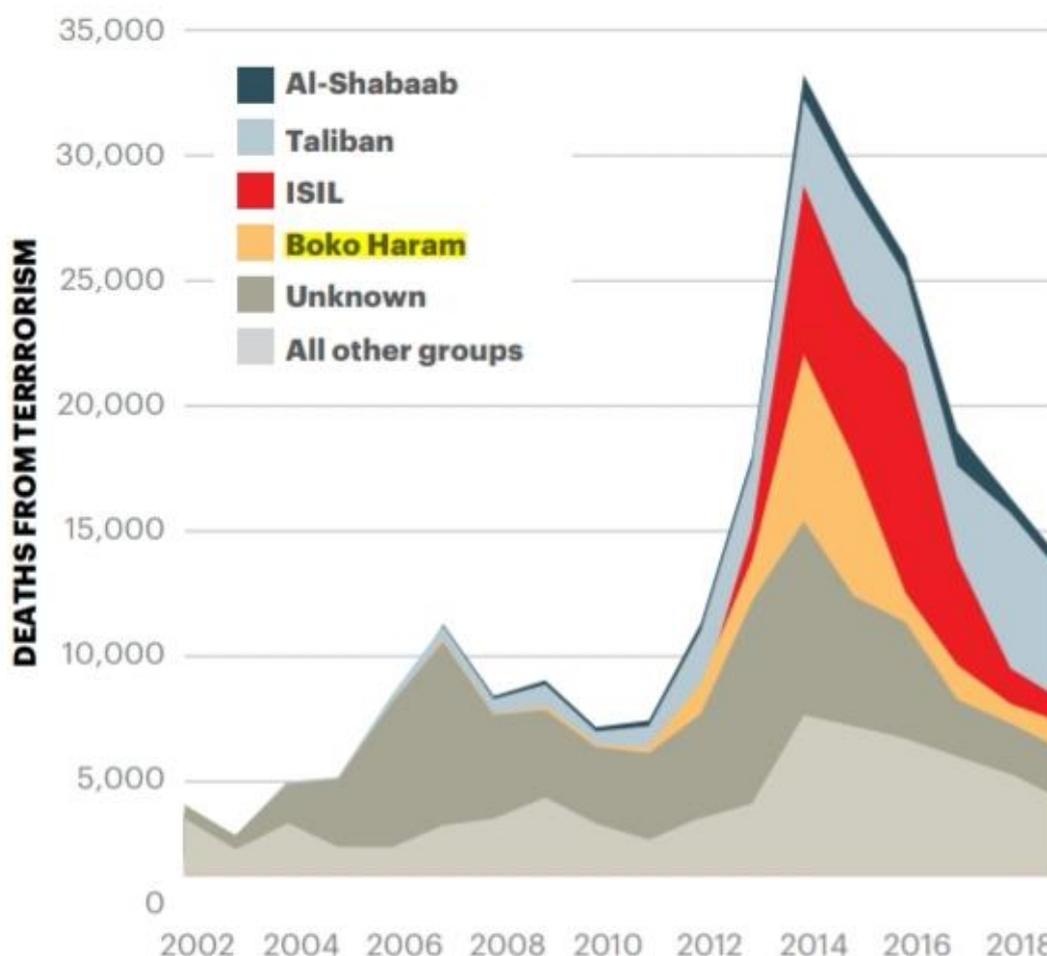
Também em 2011, o grupo comete seus primeiros ataques suicidas, incluindo o ataque suicida contra a representação das Nações Unidas em Abuja, em 26 de agosto de 2011, durante o qual 18 pessoas foram mortas (LE MONDE, 2011). A eleição presidencial de maio e a vitória de Goodluck Jonathan foram uma oportunidade para cometer outros ataques que mataram uma dúzia de pessoas, apesar do desejo declarado do governo de negociar com a seita. Segundo o jornal Le Monde Afrique, desde 2009, a violência desses extremistas já causou dezenas de milhares de mortes e mais de 2,5 milhões de refugiados e deslocados (LE MONDE, 2011).

Janeiro de 2015 foi um dos mais sombrios na história da Nigéria, quando o Boko Haram atacou a cidade e a região de Baga e executou várias centenas de pessoas. Este drama humanitário é até hoje um dos piores massacres promovidos pelo grupo terrorista. O desejo de exterminar e matar, que é observado na maioria das mensagens de Shekau, deixa a população a escolha entre se converter para versão de Islã do Boko Haram, o exílio ou a morte. Shekau transmitiu uma mensagem de rara crueldade sem escrúpulos em um de seus vídeos, pedindo o assassinato indiscriminado daqueles que ele chama de incrédulos. Foi através do terror e a promessa de punição coletiva implacável que o Boko Haram conseguiu facilmente conquistar muitas cidades nigerianas (LE MONDE, 2011).

Por vários anos, o Boko Haram realizou ataques mortais que se tornaram quase diários. Em 2014, segundo a Anistia Internacional, esses ataques se multiplicaram, somando quase 230 ataques e bombardeios, que fizeram pelo menos 4 mil vítimas civis (AMNESTY INTERNATIONAL, 2014). Embora a maioria dos ataques tenha ocorrido nos estados de Borno e Yobe, alguns também ocorreram nos estados de Abuja, Adamawa, Kaduna e Kano. Realizando ataques relâmpagos, os combatentes do Boko Haram entram nas aldeias em

motocicletas, carros e caminhões. Eles então vão de casa em casa e ordenam que os habitantes se reúnam. Eles atiram em todos os homens em idade de lutar, ou só vão atrás daqueles que acham que têm ligações com o governo ou com os militares. Muitas vezes, eles sequestram mulheres solteiras e meninas, como fizeram em abril de 2014, sequestrando 276 meninas do ensino médio do internato público em Chibok. A grande maioria dessas meninas ainda está desaparecida. Além disso, as escolas são alvo de ataques no nordeste do país: prédios escolares foram queimados ou seriamente danificados e professores e alunos foram mortos. Muitas escolas foram forçadas a fechar devido a esses ataques (AMNESTY INTERNATIONAL, 2014). O gráfico abaixo mostra os números de mortes devido ao terrorismo entre os anos 2002 e 2019. As mortes causadas pelo Boko Haram são apresentadas na cor laranja.

Gráfico 1 – Mortes por terrorismo no mundo entre os anos 2002 e 2019



Fonte: Global terrorism index, 2020, p. 15.

4.1.3. Conquistas territoriais realizadas sem oposição real

No início de 2012, quando o conflito ainda não era conhecido no plano internacional e não era midiaticizado, o grupo começou a entrar nas aldeias e exigir uma forma de fidelidade dos habitantes. Isso foi feito em três etapas: primeiro, um pedido de fidelidade às mesquitas e líderes comunitários; em segundo lugar, em caso de resposta negativa, ameaças contra a população; e por fim, em terceiro lugar, em caso de recusa, a destruição da localidade com incêndios (COHEN, 2015). Segundo o autor Corentin Cohen (2015), quando o grupo veio pedir fidelidade nas mesquitas, às vezes oferecendo dinheiro, aqueles que se opunham a eles eram mortos ou tinham que fugir. Os líderes da aldeia e da comunidade tiveram que aceitar esta submissão por medo de represálias. A partir de então, o Boko Haram conseguiu jogar com esse medo para invadir os territórios. Em julho de 2015, havia 1,3 milhão de deslocados internos na Nigéria, dos quais cerca de 56% eram crianças (HUMAN RIGHTS COUNCIL, 2015).

Outros territórios tiveram que pagar o alto preço de seu terror entre 2014 e 2015, quando o movimento conseguiu conquistar territórios em todo o Nordeste da Nigéria até as fronteiras da Bacia do Lago Chade. Ao assumir o controle de várias grandes cidades como Damasak, Marte e Baga, o Boko Haram adquiriu equipamentos individuais e coletivos suficientes para continuar sua expansão. Além dos equipamentos individuais, o Boko Haram utiliza equipamentos coletivos normalmente usados por organizações terroristas, como dispositivos explosivos improvisados (em inglês, Improvised Explosive Device, ou IED). A maioria dos equipamentos foi retirado dos estoques de armas dos exércitos regulares, em particular durante a conquista de cidades abandonadas ou do saque de delegacias de polícia e bases do exército nigeriano. Esse arsenal militar é essencialmente terrestre, pois o grupo não tem aviões de combate. É difícil avaliar com precisão os armamentos à disposição do Boko Haram, por falta de informação direta, mas a natureza e o volume desses armamentos lhe deram uma vantagem considerável para derrotar o exército nigeriano e conquistar territórios (RAYANESALGO, 2015).

Segundo alguns soldados de uma força multinacional, além dos equipamentos, o Boko Haram caracteriza-se pela eficácia da sua organização militar, seja em termos de organização de sua cadeia de comando ou suas capacidades de treinamento. A capacidade do Boko Haram de usar esse arsenal militar depende sobretudo de sua capacidade de manobra e as habilidades técnicas de seus soldados. O sucesso dos militares da organização demonstra a eficácia de suas estruturas e de sua cadeia de comando. Contando com lutadores experientes e treinados, o Boko Haram consegue implantar uma verdadeira estrutura militar organizada em torno de seu líder, Shekau.

Um ponto importante de se falar nesta seção é o modo de financiamento do grupo. Significativamente menos rico que o Estado Islâmico, segundo o jornalista Antoine Izambard (2015), a organização terrorista nigeriana depende de renda variada, gerada principalmente pela prostituição, impostos locais, ataques a quartéis e bancos. Da mesma forma, como o Estado Islâmico fez no Iraque e na Síria, o Boko Haram cobra impostos sobre os territórios que controla no nordeste da Nigéria. "Os líderes da organização introduziram muitos impostos sobre moradia, direito de passagem, consumo de certos produtos", diz Mathieu Guidère, especialista em islamismo radical e professor da Universidade de Toulouse. Eles também administram o tráfico de cigarros, carros, narcóticos e, portanto, controlam a grande maioria da economia paralela nessas regiões do nordeste, onde eles fazem reinar o terror. Segundo o Boko Haram, esses dois tipos de renda geram entre 175 mil e 450 mil euros por mês (IZAMBARD, 2015).

Segundo Guidère, outra importante fonte de renda é o que o Boko Haram chama de "comércio de infieis". Isso inclui sequestros e prostituição. Todas as mulheres que não se convertem são vendidas para as redes de prostituição nigerianas que são as mais poderosas do mundo: 50% das trabalhadoras sexuais no Reino Unido são nigerianas e, na França, elas representam 20% das trabalhadoras do sexo. Boko Haram vende mulheres sequestradas por 100 mil e 200 mil dólares por mês. Todas essas atividades trazem para a organização entre 500 mil e dois milhões de euros por mês (IZAMBARD, 2015).

A seita do movimento salafista pôde se beneficiar do apoio financeiro de outras organizações islamistas. Segundo Farouk Chothia, Boko Haram teria recebido mais de 70 milhões de dólares do exterior entre 2006 e 2011, e os doadores teriam laços estreitos com Al Qaeda na Península Arábica (Aqpa) e Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (Aqmi) (CHOTHIA 2015). O International Crisis Group também indicou em um de seus relatórios que, em 2002, Osama Bin Laden supostamente enviou à Nigéria US\$ 3 milhões para serem distribuídos entre várias organizações políticas salafistas, incluindo o Boko Haram.

5. Iniciativas Governamentais Regionais e Internacionais contra Boko Haram

A insegurança é uma ameaça à vida e aos negócios em todos os estados, o que, por sua vez, sempre imprime tristeza e desgraça para a prosperidade econômica. Na perspectiva de lidar com o grupo terrorista, o governo nigeriano se viu na obrigação de estabelecer medidas. Assim, nessa parte da seção, iremos abordar essas medidas tomadas pelo governo nigeriano e também salientar os diferentes processos de cooperação regional e internacional que foram estabelecidas. Notavelmente, parte da resposta do governo para combater o desafio do Boko Haram foi aumentar o orçamento da defesa de 100 bilhões de nairas (US\$ 625 milhões), em 2010, para 927 bilhões de nairas (US\$ 6 bilhões), em 2011, e 1 trilhão de nairas (US\$ 625

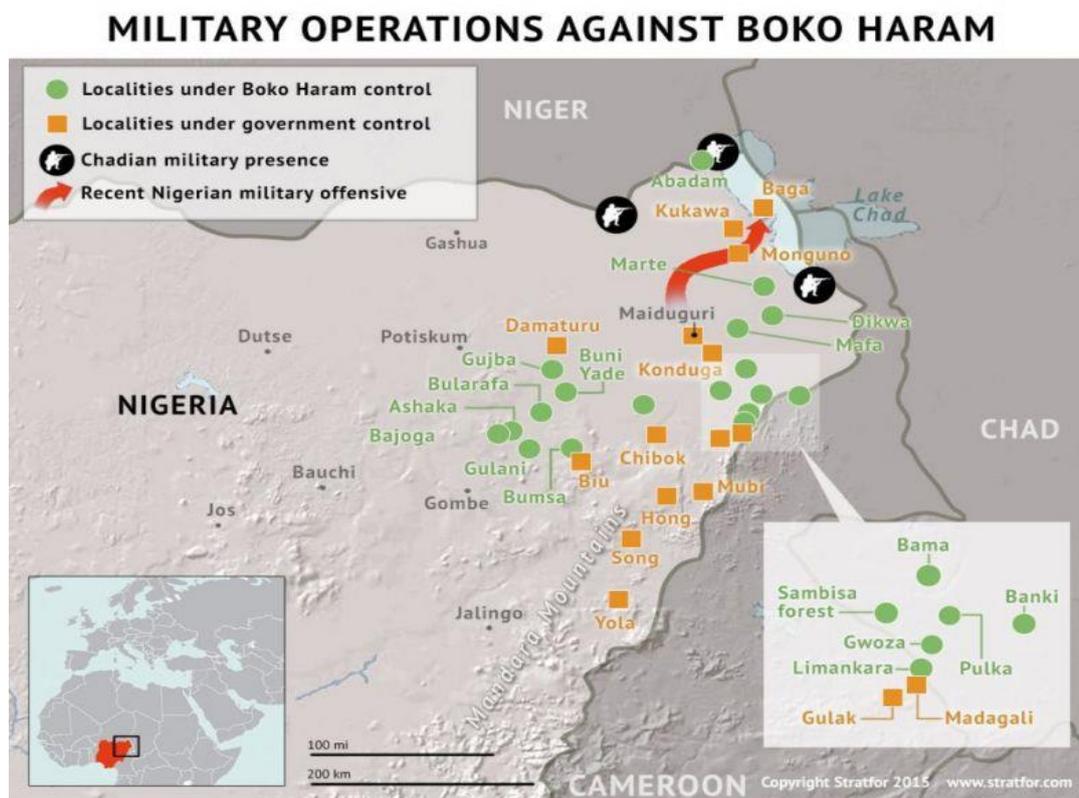
milhões), em 2012, 2013 e 2014 (ASSANVO et al., 2016). O governo da Nigéria criou uma força tarefa de segurança composta por militares, policiais e pessoal de inteligência, conhecido como Joint Task Force (JTF). Essa força matou centenas de suspeitos do Boko Haram e membros aleatórios de comunidades onde os ataques ocorreram. De acordo com testemunhas, a JTF se envolveu em uso excessivo da força, abuso físico, detenções secretas, extorsão, queima de casas, roubo de dinheiro durante as incursões e execuções extrajudiciais de suspeitos (HUMAN RIGHTS WATCH, 2012, p. 9).

Analisando essa situação da Nigéria, percebemos que não apenas o grupo radical perpetra abusos, mas também as forças nacionais nigerianas são agentes da violência no país. Isso pode ser considerado como crime contra a humanidade. Segundo o Tribunal Penal Internacional (TPI), através do artigo sétimo do Estatuto de Roma, um crime contra a humanidade é caracterizado através de vários fatores, entre eles: as práticas de extermínio; prisão ou outra forma de privação da liberdade física grave; tortura; e perseguição de um grupo ou coletividade que possa ser identificado, por motivos políticos, raciais, nacionais, étnicos, culturais, religiosos ou de gênero; assim como o desaparecimento forçado de pessoas (ROME STATUTE OF THE INTERNATIONAL CRIMINAL COURT, 1998, p. 3-4)

No plano regional, os países da bacia do Lago Chade que são Camarões, Chade, Níger e Nigéria, com apoio da União Africana e do Conselho de Paz e Segurança fizeram uma cooperação em 2012 para se coordenar contra os militantes do Boko Haram por meio de uma Força Tarefa Conjunta Multinacional, (Multinational Joint Task Force, em inglês, MNJTF). O Benim, país vizinho da Nigéria vai se juntar a essa força em 2015. Juntos, com pouco mais de 8 mil soldados para a força conjunta, estabeleceram uma estrutura multilateral extremamente importante para combater os insurgentes do Boko Haram (ASSANVO et al., 2016 p. 2). O MNJTF é um mecanismo de estabilização com o objetivo de combater o Boko Haram e outros grupos rotulados como terroristas (ASSANVO et al., 2016, p. 2).

Trabalhar em conjunto permitiu que forças de diferentes países aprendessem umas com as outras e isso promoveu a ideia de cooperação transfronteiriça e melhorou a coordenação tática. Operações conjuntas, envolvendo principalmente tropas chadianas em outros países, ajudaram a conter a disseminação do Boko Haram em 2015 e 2016. Ofensivas curtas do MNJTF, em 2017 e 2018, juntamente com uma operação mais sustentada em 2019, também reverteram os ganhos do grupo e libertaram civis capturados ou presos em áreas controladas pelo Boko Haram (ASSANVO, 2016). A figura abaixo mostra as operações contra Boko Haram em 2015.

Figura 3 – Mapa das operações militares contra o Boko Haram em 2015



Fonte: Stratfor, 2015, s.p.

No plano internacional, em maio de 2014, a União Europeia designou o Boko Haram como organização terrorista. Mais de dois anos depois, em julho de 2016, a UE anunciou o envio de 58,2 milhões de euros em ajuda humanitária para países que foram afetados pelo Boko Haram. No ano seguinte, em 15 de setembro, a UE doou 50 milhões de euros à Força-Tarefa Conjunta Multinacional. No entanto, esse dinheiro não se destinava a cobrir a “aquisição de armamento ou equipamento militar, mas sim para atender às suas necessidades logísticas e materiais e cobrir uma parte de recursos da força tarefa” (ASSANVO, 2016, p. 9). Esses recursos e materiais incluem transporte aéreo, comunicações seguras, inteligência, vigilância reconhecimento e muito mais. A França desempenhou um papel mais indireto na luta contra o Boko Haram e deixou bem claro, em 2015, que ela não pretendia participar dos combates. Assim, o governo francês forneceu inteligência e apoio militar ao exército nigeriano (ASSANVO, 2016).

Após o sequestro de Chibok, em 2014, Israel enviou especialistas em contraterrorismo e ajudou a encontrar as meninas. Meses depois, em abril de 2014, Israel prometeu ajudar a Nigéria a combater a corrupção e o Boko Haram. O primeiro-ministro israelense na época afirmou que “as últimas notícias sobre a aliança Boko Haram e Estado Islâmico ressaltam a

necessidade de países com ideias semelhantes a se unirem na luta contra essas organizações terroristas radicais” (MAMAH, 2015). Além de Israel, o Reino Unido, trabalhando com os EUA e a França, forneceu apoio militar e de inteligência ao governo nigeriano em sua busca pelas meninas desaparecidas e seus esforços para enfrentar o desafio de longo prazo do terrorismo. Esses países, assim como muitos outros, também participaram do notório hashtag no twitter #BringBackOurGirls, que começou a ser tendência nas mídias sociais logo após o sequestro de Chibok. Esta campanha ajudou a trazer notoriedade internacional ao Boko Haram e foi usada por famosos e indivíduos em todo o mundo, incluindo a primeira-dama Michelle Obama (ROBERTSON, 2017).

Desde o sequestro de Chibok, segundo o Departamento para o Desenvolvimento Internacional (DFID), o Reino Unido aumentou significativamente suas forças armadas, inteligência e apoio ao desenvolvimento para a Nigéria, incluindo treinamento e aconselhamento sobre insurgência. Em 2015, o Reino Unido aumentou as forças britânicas de 125 para 300 pessoas para fornecer treinamento e agir em um papel consultivo. No ano seguinte, ainda segundo o DFID, eles forneceram cerca de cinco milhões de libras para a Força Tarefa Conjunta Multinacional (MNJTF), bem como apoio humanitário (ou seja, água e equipamentos para saneamento e cuidados de saúde de emergência). Além disso, eles também trabalharam com a Safe Schools Initiative da Nigéria para fornecer materiais escolares para crianças deslocadas. Em agosto de 2017, eles forneceram US\$ 259 milhões em um pacote de assistência de emergência de cinco anos, ao mesmo tempo em que incentivaram a Nigéria a fazer mais contra o Boko Haram. No final de 2017, o Reino Unido havia fornecido treinamento militar para 28 mil soldados nigerianos (ROBERTSON, 2017).

Logo após o sequestro de Chibok, em 2014, segundo a UN Centre News, a ONU adicionou o Boko Haram à lista de Associados da Al-Qaeda sujeitos a sanções financeiras e embargo de armas (UN NEWS CENTRE, 2017). No início de 2017, a ONU estava lidando com quatro países ao redor do mundo que estavam em risco ou passando fome (Sudão do Sul, Nordeste da Nigéria, Somália e Iêmen). Para acabar com essas crises, a ONU pediu aos Estados membros que doassem US\$ 1,5 bilhão de dólares em ajuda humanitária. No entanto, o maior passo dado pela ONU até hoje ocorreu em 31 de março de 2017, dia em que a ONU adotou sua primeira resolução abordando o Boko Haram. Esta resolução, Resolução 2349, condenou a presença do Boko Haram e do Estado Islâmico e “encorajou os governos a cooperação militar regionais, e agir de forma vigorosa e decisivamente para cortar os fluxos de financiamento (CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU, 2017). Também encorajou os governos a implementar políticas consistentes voltadas para a desradicalização e reintegração, que não oferecia nenhuma impunidade para os responsáveis por ataques terroristas. Além disso,

defendeu o aumento da proteção das organizações humanitárias que prestam ajuda. A aprovação desta resolução, segundo o Conselho de Segurança, foi vista como uma mudança gradual na mobilização de apoio para que os países combatem a Boko Haram.

Por fim, o governo dos EUA se envolveu na luta contra o Boko Haram após o sequestro de Chibok e começou a enviar suprimentos militares depois que o presidente Goodluck Jonathan deixou o cargo. Depois, os EUA prometeram US\$ 5 milhões em apoio e anunciaram que enviariam aproximadamente 300 soldados, juntamente com drones de vigilância, para ajudar na luta contra o Boko Haram (BBC NEWS, 2015). Em janeiro de 2016, os EUA doaram mais equipamentos militares para o exército da Nigéria. Especificamente, eles deram à Nigéria 24 veículos blindados resistentes a minas usados (no valor de US \$ 11 milhões) (SEUN, 2016). Mais tarde, o governo prometeu US\$ 40 milhões em assistência humanitária para a sub-região. No ano seguinte, o presidente Trump finalizou um acordo criado pelo governo Obama para vender à Nigéria 12 caças Tucano (VOA NEWS, 2016).

Ao final dessa seção, podemos analisar que o que ameaça a segurança de um Estado ameaça todos os Estados, sejam fracos ou fortes. Nenhum Estado, tão poderoso como possa ser, não pode, por seus próprios esforços, torná-lo invulnerável às ameaças de hoje. Cada Estado precisa da cooperação de outros Estados para garantir a sua segurança. Portanto, é do interesse de cada Estado cooperar com outros Estados para lidar com as ameaças mais prementes, porque é assim que ele vai maximizar as chances de cooperação recíproca para atender suas próprias prioridades diante de ameaças. Um ponto importante de se ressaltar é que a insurgência do Boko Haram afetou negativamente a relação entre a Nigéria e outras nações do mundo por causa de bombardeios, seqüestros de estrangeiros, etc. Os EUA e países europeus alertam regularmente seus cidadãos para ficarem longe de zonas voláteis na Nigéria.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Ao final desta análise, observamos que a seita islamista Boko Haram assume primeiro um caráter endógeno. Ela surge em uma mesquita em Maiduguri, capital do estado de Borno, no nordeste da Nigéria. De um lugar simples de oração para os muçulmanos, a mesquita foi rapidamente transformada em um bastião de doutrinação, de aprendizado sobre o Islã fundamentalista e de defesa do restabelecimento da xaria, pregada por seu fundador, Mohammed Yusuf. A grande repressão do governo nigeriano para erradicar este movimento, que terminou com a morte de Yusuf, levou seus seguidores a se radicalizarem e favorecerem a violência armada.

A ascensão do Boko Haram não foi repentina, aleatória ou inesperada. A fraca capacidade estatal da Nigéria, que pode ser atribuída ao colonialismo e ao fracasso do governo

nigeriano pós-independência, combinado à uma crescente politização da religião, criou um vácuo de poder de que o Boko Haram se aproveitou. O governo nigeriano respondeu à insatisfação nigeriana com corrupção, desigualdade e discriminação. Através de terríveis ataques e atrocidades, o Boko Haram conseguiu ganhar respeito e influência no cenário internacional, o que os ajudou a desenvolver a insurgência que vemos hoje.

Para reiterar as informações desse trabalho, a insurgência do Boko Haram, que surgiu em 2002 e se tornou militante em 2009, após a morte de seu líder, pode ser atribuído a três fatores. Esses três fatores são a fraca capacidade estatal da Nigéria, devido ao colonialismo e à pobreza pós-colonial, à má governança, e à politização da religião. A resposta do governo nigeriano tem sido atormentada pela ineficiência e pelo fracasso contínuo em abordar o problema sistêmico das causas da insurgência. É claro que o Boko Haram não é apenas uma luta nigeriana, mas global.

Além disso, o Boko Haram desafia o estereótipo de que os EUA tendem a atribuir ao terrorismo, que envolve uma religião específica (Islã) e região do mundo (Oriente Médio). Embora seja verdade que o Boko Haram afirma realizar seus ataques em nome do Islã, sua influência na África Ocidental exemplifica a suscetibilidade dos Estados ao terrorismo. E enquanto os passos podem ser tomados para combater o terrorismo, nenhum Estado pode erradicá-lo ou impedi-lo inteiramente, razão pela qual devemos observar como esses grupos surgem ao redor do mundo. Esta pesquisa fez isso e muito mais analisando os fatores que contribuíram para o surgimento de Boko Haram na Nigéria, acompanhando as respostas domésticas e internacionais ao grupo.

Depois de analisar as respostas ao grupo, surgem algumas tendências comuns. Internamente, ao priorizar uma resposta militar forte, o governo federal da Nigéria ignorou as causas profundas da insurgência. Não importa o quão forte seja uma resposta militar, se problemas como desemprego juvenil, insegurança alimentar e disparidade Norte e Sul continuam a ser grandes, o problema do Boko Haram nunca irá embora de verdade. Além disso, o governo nigeriano subestimou continuamente a persistência do Boko Haram, o que motivou ainda mais o grupo. Internacionalmente, os países listados acima ficaram preocupados com o Boko Haram após o sequestro de Chibok de 2014. Este crime os obrigou a agir, primeiro com militares e tecnologia e depois por meio de ajuda financeira.

Com base nas conclusões das seções anteriores, podemos elaborar recomendações para o governo nigeriano e a comunidade internacional sobre como melhorar sua resposta ao Boko Haram. A Nigéria pode tentar promover diálogos interreligiosos e intrareligiosos. Acho necessário fomentar o diálogo intrareligioso, porque existem tensões entre as diferentes correntes de muçulmanos do país, assim como, com os cristãos do país. Além disso, a Nigéria

precisa construir mais confiança nas instituições do governo federal, porque a desconfiança no governo federal e nos governos locais tem elevado as tensões. Alguns nigerianos confiam mais em líderes tribais e outros confiam nos militares. No entanto, como as autoridades eleitas raramente entram em contato com seu eleitorado após eleição, a confiança nas autoridades eleitas é muito baixa.

Na verdade, a democracafriaca não vai muito além da cabine de votação na Nigéria. Terminadas as eleições, funcionários eleitos esquecem suas promessas arrogantes. Assim, uma recomendação importante seria promover a democracia na Nigéria de forma significativa e perceptível. . Uma vez que as condições socioeconômicas na Nigéria melhorem, o Boko Haram perderia seu apelo entre grandes faixas de seus membros e simpatizantes. Os ideólogos do Boko Haram não abandonaram seus princípios, mas o grupo certamente perderia o apoio dos nigerianos desiludidos. Da mesma forma, destruir Boko Haram, diretamente ou por circunstâncias indiretas, ajudaria o país a resolver muitos outros problemas persistentes. Por esses motivos, acredito que a promoção da democracia e a melhoria das condições socioeconômicas na Nigéria poderia contribuir para que o país vença a guerra contra o Boko Haram.

REFERÊNCIAS

- AGBIBOA, Daniel E. Peace at Daggers Drawn? Boko Haram and the State of Emergency in Nigeria. *Studies in Conflict & Terrorism*, October 18, 2013. Disponível em <https://content.gmu.edu/sites/common/files/publication/Peace%20at%20Daggers%20Drawn%20Boko%20Haram%20and%20the%20State%20of%20Emergency%20in%20Nigeria.pdf>. Acesso em 22 abr. 2022
- AFRICA CENTER FOR STRATEGIC STUDIES. After the Election: Fundamental Security Challenges Nigeria Must Face, Washington, Africa Center for Strategic Studies, 2015. Disponível em: <<http://africacenter.org/2015/03/after-the-election-fundamental-security-challenges-nigeria-must-face>>. Acesso em 22 ago. 2022.
- AMNESTY INTERNATIONAL. 'Welcome to Hell Fire' Torture and Other Ill- Treatment in Nigeria. Londres, 2014.
- APARD, Elodie. Les mots de Boko Haram. Décryptages de discours de Mohammed Yusuf et d'Abubakar Shekau. Dossier "Comprendre Boko Haram. Des pasteurs transhumants entre alliances et conflits au Tchad", *Afrique Contemporaine*, n. 255, 2015.
- ASSANVO, William; ABATAN, Jeannine; SAWADAGO, Wendy. West African Report: Assessing the Multinational Joint Task Force against Boko Haram. Institute for Security Studies, 2016. Disponível em: <<https://issafrica.s3.amazonaws.com/site/uploads/war19.pdf>>. Acesso em 23 mai. 2022
- AWOPEJU, Ayo, ADELUSI, Olufemi, OLUWASHAKIN, Ajinde. Zoning Formula and the Party Politics in Nigerian Democracy: a Crossroad for PDP in 2015 Presidential Election. *Research on Humanities and Social Sciences*, v. 2, n. 4, 2012. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.917.1488&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em 13 mai. 2022
- BARRUCAND, « Bazar », dans Collectif, *Dictionnaire de l'Islam, religion et civilisation*, Paris: Encyclopaedia Universalis, 2015.
- BBC NEWS. What is jihadism?. BBC NEWS, 11 dez. 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-30411519>. Acesso em 01 ago. 2022.
- BBC NEWS. Obama pledges support for Nigeria's fight against militants. BBC News, 20 jul 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-33600681>>. Acesso em 17 jul. 2022.
- BBC NEWS AFRIQUE. Boko Haram: le Nigeria observe une journée nationale de deuil. BBC NEWS AFRIQUE, 28 mai. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/afrique/region-48437812>>. Acesso em 10 abr. 2022.
- CAMPBELL, John. *US Policy to Counter Nigeria's Boko Haram*. Nova York: Council on Foreign Relations, 2014.
- CHOTHIA Farouk. Boko Haram crisis: How have Nigeria's militants become so strong? BBC News, 26 jan. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-africa-30933860>. Acesso em 29 mai. 2022.

COHEN, Corentin. Boko Haram, une impossible sociologie politique? Un groupe armé catalyseur de la violence armée régionale. Dossier Comprendre Boko Haram. Des pasteurs transhumants entre alliances et conflits au Tchad. *Afrique Contemporaine*, n. 55, 2015, p. 83.

DE GENDT, Pascal. Boko Haram, le reflet des problèmes nigériens. SIREAS asbl (Service International de Recherche, d'Éducation et d'Action Sociale asbl), Bruxelles, Novembre 2012, p. 10.

DINIZ, Eugênio. 2004. Compreendendo o Fenômeno do Terrorismo. In: BRIGAGÃO, Clóvis; PROENÇA, Domício. Paz e Terrorismo. São Paulo: Ed. Hucitec, 197-222.

GUIBBAUD, Pauline. Boko Haram. Histoire d'un islamisme sahélien, Paris, L'Harmattan, p. 17.

HIGAZI, Adam. Les origines de l'insurrection de Boko Haram dans le Nord du Nigéria. *Politique africaine*. 2013/2, n°130, p. 137-164. Disponible em: <<http://www.cairn.info/>>. Acesso em 20 abr. 2022.

HUMAN RIGHTS COUNCIL. Report of the United Nations High Commissioner for Human Rights on violations and abuses committed by Boko Haram and the impact of human rights in the affected countries, [S.I.], United Nations, 2015. Disponible em <<http://reliefweb.int/report/nigeria/report-united-nations-high-commissioner-human-rights-violations-and-abuses-committed>> Acesso em 29 mai. 2022.

HUMAN RIGHTS WATCH. Spiraling Violence Boko Haram Attacks and Security Force Abuses in Nigeria, [S.I.], Human Rights Watch, 2012. Disponible em: <<https://www.hrw.org/report/2012/10/11/spiraling-violence/boko-haram-attacks-and-security-force-abuses-nigeria>>. Acesso em 05 jun. 2022

INSTITUTE FOR ECONOMICS AND PEACE. Global Terrorism Index 2015: Measuring and understanding the impact of terrorism, [S.I.], Sydney: Institute for Economics and Peace, 2015. Disponible em: <http://static.visionofhumanity.org/sites/default/files/2015%20Global%20Terrorism%20Index%20Report.pdf>. Acesso em 10 jul. 2022.

INSTITUTE FOR ECONOMICS AND PEACE. Global Terrorism Index 2020: Measuring the Impact of Terrorism. Sydney: Institute for Economics & Peace, 2020. Disponible em: <http://visionofhumanity.org/reports>. Acesso em 01 ago. 2022.

IZAMBARD Antoine, Quels sont les moyens financiers de la secte islamiste Boko Haram? *Challenges*, 17 fev. 2015, Disponible em: https://www.challenges.fr/monde/quels-sont-les-moyens-financiers-de-la-secte-islamiste-boko-haram_33575. Acesso em 20 mai. 2022

JEUNE AFRIQUE. Nigeria: Boko Haram, la secte des assassins, *Jeune Afrique*, 27 jul. 2011. Disponible em: <https://www.jeuneafrique.com/190705/politique/nigeria-boko-haram-la-secte-des-assassins/>. Acesso em 20 mai. 2022.

KOEHLER, Daniel. Terminology and Definitions. In: HANSEN, Stig Jarle; LID, Stian (Ed.). *Routledge Handbook of Deradicalisation and Disengagement*. Abingdon: Routledge, 2020. p. 156-162.

KOUNGOU, Léon. Boko Haram. Parti pour durer, Paris, L'Harmattan, 2016. KYDD, Andrew; WALTER, Barbara F. *The Strategies of Terrorism*. *International Security*. 31, no. 1,

2006. Disponível em: <<https://www.mitpressjournals.org/doi/pdf/10.1162/isec.2006.31.1.49>>. Acesso em 22 abr. 2022.

LAST, Murray. La charia dans le Nord-Nigéria, un dossier: «pouvoirs sorciers». Politique Africaine, Vol. 3, n° 79, 2000, p. 141-152.

LEÃO, Augusto; BASSI, Danilo (Orgs.). Para começar a entender o Estado Islâmico. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. No prelo.

LE MONDE. La secte islamiste Boko Haram revendique l'attentat contre l'ONU au Nigeria, Le Monde, 26 ago. 2011. Disponível em: https://www.lemonde.fr/afrique/article/2011/08/26/le-siege-de-l-onu-a-abuja-vise-par-un-attentat_1563823_3212.html. Acesso em 05 mai. 2022.

LE POINT. Qu'est-ce que le salafisme?. LE POINT, 21 mar. 2012. Disponível em: https://www.lepoint.fr/societe/qu-est-ce-que-le-salafisme-21-03-2012-1443635_23.php. Acesso em 13 abr. 2022.

LEVTZION, Nehemia. Islam in the Bilad al-Sudan to 1800. In: LEVTZION, Nehemia; POUWELS, Randall. History of Islam in Africa, Athens: Ohio University Press, 2000, p. 63-92.

L'HEUILLET, Hélène. Aux sources du terrorisme: de la petite guerre aux attentats-suicides. Paris: Fayard, 2009.

LUNTUMBUE, Michel. Mouvement pour l'Emancipation du Delta du Niger (MEND). Groupe de Recherche et d'Information sur la Paix et la Sécurité (GRIP), Octobre 2011, p. 1-11.

MAMAH Emeka. Boko Haram: US halts Israeli aid to Nigeria. Vanguard, 27 jan. 2015. Disponível em: <<https://www.vanguardngr.com/2015/01/boko-haram-us-halts-israeli-aid-nigeria>>. Acesso em 19 jul. 2022

PEROUSE DE MONTCLOS, Marc Antoine. Boko Haram et le terrorisme islamiste au Nigeria: insurrection religieuse, contestation politique ou protestation sociale? Questions de recherche, n. 40, 2012. Disponível em: <<https://www.sciencespo.fr/ceri/sites/sciencespo.fr.ceri/files/qdr40.pdf>>.

PEROUSE DE MONTCLOS, Marc-Antoine. Le Nigéria, la charia et Boko Haram. Outre-Terre, v. 44, n. 3, 2015, p. 107-118. Disponível em: <<http://www.cairn.info/>>. Acesso em 17 abr. 2022.

RASHEED, Adetoro. Boko Haram insurgency in Nigeria as a symptom of poverty and political alienation. IOSR Journal Of Humanities And Social Science, v. 3, n. 5, 2012. DOI:10.9790/0837-0352126

RAYANESALGO, Anatole France Pitroipa. Le Nigéria à l'épreuve du terrorisme: une analyse des racines sociohistoriques et politiques de la violence revendiquée par Boko Haram. 2015 (Mestrado em Ciência Política). Université de Laval, Québec, 2015.

ROBERTSON, Nic. UK government doubles Nigerian aid package to help fight Boko Haram. CNN. 31 ago. 2017. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2017/08/30/africa/uk-foreign-secretary-boris-johnson-nigeria-visit-boko-haram/index.html>>. Acesso em 20 jul. 2022.

ROME STATUTE OF THE INTERNATIONAL CRIMINAL COURT, International Criminal Court, [S.I.], 1998. Disponível em: <https://www.icc-cpi.int/nr/rdonlyres/ea9aeff7-5752-4f84-be94-0a655eb30e16/0/rome_statute_english.pdf> Acesso em 25 jul. 2022.

ROHE, Mathias. Qu'est-ce que la charia?. DW MADE FOR MIND, 09 set. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/fr/charia-d%C3%A9finition-histoire-islam/a-59136017>. Acesso em 15 abr. 2022.

SEUN Opejobi. US donates 24 used mine-resistant armored vehicles to Nigerian Army. Daily Post, 7 jan. 2016. Disponível em: <http://dailypost.ng/2016/01/07/us-donates-24-used-mine-resistant-armored-vehicles-to-nigerian-army-photos/>. Acesso em 18 jul. 2022

Strange Military Stories. Boko Haram of Nigeria: meaning, leaders, history, 15 set. 2020. Disponível em: <<https://www.strangemilitarystories.com/2020/09/boko-haram-of-nigeria-meaning-leaders-history.html>>. Acesso em 22 ago. 2022.

STRATFOR GLOBAL INTELLIGENCE. Government forces, backed by foreign fighters, are finally making gains against the group. Austin: Stratfor Global Intelligence, 2015. Disponível em: <<https://www.stratfor.com/sample/image/boko-haram-faces-defeats>> Acesso em 15 jul. 2022.

CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU. Security Council Strongly Condemns Terrorist Attacks, Other Violations in Lake Chad Basin Region, Unanimously Adopting Resolution 2349 (2017). News release, 31 mar. 2017, Disponível em: <https://www.un.org/press/en/2017/sc12773.doc.htm>. Acesso em 20 jul. 2022

SODIQ, Yushau. Muslim-Christian Relations in Nigeria: Causes of Tensions. Journal of Ecumenical Studies, Vol. 31, 1994, pp. 279-306.

UN DATA. Nigeria. UN Data, 2017. Disponível em: <<http://data.un.org/CountryProfile.aspx?crName=NIGERIA>>. Acesso em 15 abr. 2022.

UN NEWS CENTRE. UN aid chief urges global action as starvation, famine loom for 20 million across four countries. UN News Centre, 10 mar. 2017. Disponível em <http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=56339#.Wnt9GSPMyb8>. Acesso em 20 jul. 2022.

UNDP. Nigeria Stabilization Annual Report 2020. Abuja: UNDP Nigeria. Disponível em: <https://www.undp.org/nigeria/publications/undp-nigeria-stabilization-facility-annual-report-2020>. Acesso em 18 mai. 2022.

VOA NEWS. US Ambassador to UN Pledges \$40 Million to Aid Lake Chad Region. VOA News, 20 abr. 2016. Disponível em: <https://www.voanews.com/a/us-ambassador-to-un-pledges-40-million-to-aid-lake-chad-Region/3293481.html>. Acesso em 17 jul. 2022